

---

## Editorial

---

Não é tarefa fácil organizar um número de um periódico acadêmico. Ainda mais quando esse periódico busca, de forma singela, não só ser um compêndio de escritos que tratam de temas a partir de uma teoria específica, mas e principalmente, tem a finalidade de ser uma espécie de *Festschrift*, i. e., uma coletânea de textos em homenagem a um pesquisador.

Assim, esse número da Clareira foi uma tarefa a qual assumimos com uma compreensão da responsabilidade elevada que nos traria, desde o contato com os autores e autoras, até o processo envolvido da recepção à publicação dos textos.

O número da Clareira que o leitor tem faz uma alusão aos quarenta anos da morte de Jean Piaget. Mais que uma homenagem póstuma é uma prova de que Piaget vive em seu trabalho e, como veremos nos artigos aqui publicados, o epistemólogo genebrino continua a influenciar pensadores e pensadoras que levam sua teoria adiante, aprofundando as pesquisas e compreendendo cada vez mais o alcance desta.

Pode-se constatar já no primeiro artigo, o qual Zelia Ramozzi-Chiarotino nos brinda com uma belíssima tradução, com introdução e comentários, de um texto inédito de Piaget no Brasil, o qual nos apresenta um resgate dos objetivos de Piaget ao fazer suas observações com crianças, i. e., não era a criança em si sua preocupação, mas vendo nessa o elo entre suas preocupações biológicas e epistemológicas.

Fernando Becker nos agracia com um relato do porquê podemos ver Piaget como um autor clássico, um verdadeiro sábio. Apresenta-nos, então, uma



descrição do desenvolvimento do pensamento piagetiano, de seus fundamentos e da robustez teórica do mesmo.

Ricardo P. Tassinari nos apresenta seu modelo, fundamentado na teoria de Piaget, e como a partir desse modelo podemos compreender a construção da noção de conservação tanto da substância como do peso e volume. Assim, a partir de seu modelo, Tassinari apresenta como noções fundamentais do conhecimento são construídas e isso nos permite não só compreendermos o mundo que nos cerca mas a nós mesmos como sujeitos do conhecimento.

Alexandre A. Ferraz põem em discussão, a partir da Epistemologia Genética como se dão as relações entre funcionamento cerebral, classificação lógica e assimilação. Essa tarefa a que se propõe Ferraz parte do conceito de sujeito epistêmico e busca compreendê-lo como um ente abstrato, cuja natureza pode ser representada por modelos lógico-matemáticos.

Vicente E. R. Marçal propõe discutir, a partir da Epistemologia Genética, a seguinte questão: O mundo se impõe ao sujeito do conhecimento ou é a herança genética deste que lhe permite, com as trocas com o meio, conceber esse mundo? Uma discussão, não fechada, da epigênese em Piaget, i. e., o papel tanto do objeto quanto do sujeito no processo de construção das estruturas necessárias ao conhecimento.

Rafael dos Reis Ferreira nos traz uma discussão sobre os elementos na obra de Piaget que nos permitem mostrar como a implicação significativa é fundamental para as ações do sujeito sobre a experiência sensível, em especial ao processo de coordenação, significação e estruturação dos esquemas sensório-motores. Trazendo como uma de suas principais conclusões o fato de ser esse processo a condição necessária para a construção de um real objetivável, princi-

palmente em relação à causalidade, pois está centrada nos sistemas de implicação significativa.

Marcelo Carbone, Marlon Trevisan e Adrian Dongo-Montoya nos brindam com uma discussão entre Piaget e Bergson no âmbito do problema do conhecimento. Mostram que a teoria piagetiana, forjada na interação entre seus pares, tem uma marca bergsoniana, principalmente pelos temas tratados como: inteligência, intuição, imagem, continuidades e descontinuidades, tempo, espaço etc. Apontando para questões como o fato da inteligência ser um produto da evolução da espécie humana que possibilitou a adaptação ao meio.

Marta Belini nos apresenta uma discussão da teoria piagetiana a partir de dois pontos centrais, a saber: os tipos de conhecimento e os quatro fatores do desenvolvimento da inteligência, abordando a temática a partir do ponto de vista da teoria da ação, do movimento do corpo e da mente na construção do humano. Trata também da importância de uma pedagogia da ação.

Luciana M. Caetano nos traz a perspectiva do desenvolvimento moral na teoria piagetiana. Compreende, nesse artigo, ser Piaget um precursor das pesquisas sobre moralidade. Parte, então, dos pressupostos pautados por Piaget e discute sobre o papel dos pais na educação moral dos filhos.

Eliane G. Saravali e Francismara N. de Oliveira nos trazem reflexões sobre as contribuições da Epistemologia e Psicologia Genéticas aos campos teórico e prático da psicopedagogia. Abordam questões teóricas que são essenciais da obra piagetiana e traçam sua correspondência com o fazer psicopedagógico, no qual destacam as provas operatórias e os jogos de regras.

R. Melissa Lepre faz uma reflexão sobre a importância das interações sociais para a Epistemologia Genética, resgatando memórias de sua formação em psicologia e de suas vivências profissionais em cursos de formação de professo-

res. Revistando conceitos clássicos da teoria piagetiana e reafirmando a importância das interações sociais para a Epistemologia Genética no que se refere à própria constituição do sujeito epistêmico.

Susana Fishancho Hidalgo faz uma profunda discussão sobre a compreensão do raciocínio e juízo moral de Piaget a Kohlberg. Mostra que o comportamento moral do ser humano tem suas bases biológicas, pautadas pelas funções adaptativas e das necessidades de sobrevivências, mas também é um produto do desenvolvimento cultural, pelo simples fato de pertencemos a um grupo social e da própria experiência socializadora vivenciada dentro desse grupo.

Silvia Parrat-Dayán encerra brilhantemente esse número da Clareira com um texto em que nos apresenta o Método Clínico desenvolvido por Jean Piaget, sua relação com a teoria, as mudanças ocorridas devido a própria mudança nos problemas ao qual se aplicam.

Esperamos que o leitor e a leitora tenham um nesse número da Clareira uma excelente referência da Epistemologia Genética e que o mesmo esteja, de fato, a altura de uma homenagem ao nosso mestre genebrino que tanto nos inspira seja por sua teoria, seja por sua vida como pesquisador.

Dr. Vicente Eduardo Ribeiro Marçal  
Editor